

Gustave Flaubert

Madame
Bovary

desenhos da
juventude de
Yves Saint Laurent

Tradução de CAROL COLFFIELD
Prefácio de MAXIME CATROUX

TORDESILHAS
Rio de Janeiro, 2024

I

E stávamos na sala de estudos quando o diretor entrou, seguido de um *novato* vestido como um burguês e de um contínuo que carregava uma grande carteira. Os que estavam dormindo acordaram, e todos nos levantamos como se tivéssemos sido surpreendidos em nosso trabalho.

O diretor gesticulou, pedindo que nos sentássemos novamente; depois, voltando-se para o supervisor de estudos:

— Sr. Roger — disse a meia voz —, apresento-lhe este aluno. Está entrando no quinto ano. Se o trabalho e o comportamento dele forem meritórios, passará à *classe dos mais velhos*, correspondente à sua idade.

O *novato*, que havia ficado atrás da porta, onde mal conseguíamos vê-lo, era um rapazinho do campo, de uns quinze anos de idade e de estatura bem mais alta do que qualquer um de nós. Tinha os cabelos cortados com uma franja reta, como um cantor de aldeia, e tinha um ar sensato, mas muito aca-nhado. Embora não tivesse ombros largos, seu casaco de pano verde e botões pretos parecia estar desconfortável na altura da cava e permitia ver, pela abertura da vestimenta, os pulsos avermelhados de alguém habituado a ter as mangas arregaçadas. Suas calças amareladas, muito puxadas pelos suspensórios, deixavam ver parte das pernas cobertas com meias azuis. Calçava sapatos robustos, mal engraxados e guarnecidos de tachas.

Começamos a recitar as lições. Ele as escutava com toda atenção, tão atento quanto a um sermão, sem mesmo atrever-se a cruzar as pernas nem se apoiar nos cotovelos, e, às duas horas, quando tocou o sino, o supervisor de estudos teve que avisar-lhe para que se juntasse a nós, na fila.

Ao entrar na sala, tínhamos o hábito de jogar os chapéus no chão para ficar com as mãos mais livres; era preciso arremessá-los da soleira da porta

até debaixo das carteiras, de maneira que batessem contra a parede e levantassem muita poeira; era *desse jeito*.

Porém, seja porque não notou tal manobra ou porque não se atreveu a submeter-se a ela, o fato é que já havíamos acabado as orações, e o *novato* continuava com o chapéu sobre os joelhos. Era uma daqueles adereços de cabeça combinados, onde se encontram elementos de chapéu de pelo, de *chapska*, de chapéu redondo, de chapéu de lontra e de chapéu de algodão, uma dessas tristes peças cuja feiura silenciosa tem a mesma profundidade de expressão que o rosto de um imbecil. Ovoide e armado com varetas de reforço, começava por três rolos em formato de salsicha; em seguida, separados por uma faixa vermelha, alternavam-se losangos de veludo e de pele de coelho; depois vinha uma espécie de saco que terminava por um polígono cartonado, coberto por um intrincado bordado em sutache de onde pendia, na ponta de um longo cordão bem fino, uma pequena peça entrelaçada de fios dourados, em formato de borla. Via-se que era novo; a viseira brilhava.

— Levante-se — disse-lhe o professor.

Ele se levantou; o chapéu caiu no chão. A turma inteira riu.

Abaixou-se para apanhá-lo. Um colega que estava ao lado derrubou-o com o cotovelo, e ele o apanhou mais uma vez.

— Esqueça seu chapéu — disse-lhe o professor, que era um homem inteligente.

Houve uma gargalhada geral dos alunos que desconcertou o pobre rapaz, tanto que já não sabia se ficava com o chapéu na mão, se o deixava no chão ou se o vestia. Voltou a sentar-se e o apoiou sobre os joelhos.

— Levante-se — insistiu o professor — e diga-me o seu nome.

O *novato* articulou, com uma voz balbuciante, um nome ininteligível.

— Repita!

O mesmo balbucio de sílabas se fez ouvir, abafado pelas vaias da classe.

— Mais alto! — gritou o mestre. — Mais alto!

O *novato*, tomando então uma resolução extrema, escancarou a boca e, a plenos pulmões, como se estivesse chamando alguém, lançou esta palavra: *Charbovari*.

Foi uma barulheira que se iniciou de repente e subiu *in crescendo*, com explosões de vozes agudas (uivávamos, latíamos, batíamos com os pés no chão e repetíamos sem parar: *Charbovari! Charbovari!*); depois, o barulho foi diminuindo, aparecendo em notas isoladas, atenuadas a duras penas, às vezes recomeçando subitamente em alguma fileira de carteiras onde algum riso abafado ainda rompia, aqui e ali, como um petardo mal-apagado.

Entretanto, sob uma chuva de punições, a ordem foi sendo pouco a pouco restabelecida na classe, e o professor, depois de assimilar o nome de Charles Bovary, de exigir-lhe que o ditasse, soletrasse e relesse, mandou o pobre coitado sentar-se imediatamente no banco dos preguiçosos, ao pé do púlpito. O rapaz traçou o movimento, mas, antes de ir, hesitou.

— O que está procurando? — perguntou o professor.

— Meu cha... — falou timidamente o *novato*, lançando olhares inquietos ao redor.

— Quinhentos versos para toda a classe! — exclamou o professor com uma voz furiosa, conseguindo deter, como o *Quos ego*, uma nova borrasca. — Fiquem quietos de uma vez por todas! — prosseguiu o professor indignado e, enxugando a testa com um lenço que acabara de pegar de sua boina: — Quanto ao senhor, *novato*, copiará vinte vezes o verbo *ridiculus sum*.

Depois, com uma voz mais suave:

— Ei! Vai achar seu chapéu; ninguém o roubou!

A calma foi retomada. As cabeças curvaram-se sobre os cadernos, e o *novato* permaneceu durante duas horas numa conduta exemplar, embora, de vez em quando, alguma bolinha de papel lançada de um bico de pena viesse a bater em seu rosto. Mas ele se limpava com a mão e continuava imóvel, de olhos baixos.

No fim da tarde, na sala de estudos, pegou os protetores de manga que estavam na escrivaninha, colocou em ordem suas coisas e pautou cuidadosamente o papel. Vimo-lo trabalhar conscienciosamente, procurando todas as palavras no dicionário e esforçando-se muito. Graças, sem dúvida, a essa boa vontade que demonstrou, não precisou descer à classe inferior; no que se refere às regras, embora as conhecesse bem, faltava-lhe elegância nos hábitos. Foi o vigário de sua aldeia quem lhe ensinara os rudimentos do latim, uma vez que os pais, por motivos econômicos, haviam postergado ao máximo sua ida ao colégio.

Seu pai, o sr. Charles-Denis-Bartholomé Bovary, ex-cirurgião-major auxiliar, empenhado, por volta de 1812, em assuntos de alistamento, e tendo sido forçado, naquela mesma época, a abandonar o serviço, havia então aproveitado seus atributos pessoais para agarrar a oportunidade de um dote de sessenta mil francos que se oferecia pela filha de um comerciante chapeleiro, apaixonada pela aparência dele. Homem bonito, fanfarrão, que fazia soar alto as suas esporas, usava as costeletas unidas aos bigodes, tinha os dedos sempre guarnecidos de anéis e se vestia com cores vistosas. Tinha o aspecto de um homem destemido, com a conversa fácil de um caixeiro-viajante. Uma vez casado, viveu dois ou três anos da fortuna da mulher, jantando bem,

levantando-se tarde, fumando grandes cachimbos de porcelana, só voltando à noite para casa após o término do espetáculo e frequentando cafés. O sogro morreu e deixou pouca coisa; ele ficou indignado, lançou-se à *atividade fabril*, perdeu ali algum dinheiro e então se retirou para o campo, onde queria *valorizar a terra*. Mas, como não sabia muito mais de agricultura do que de tecidos, montava em seus cavalos em vez de mandá-los para a lavoura, bebia sua sidra em garrafas em vez de vendê-la em barricas, comia as melhores aves de sua criação e engraxava as botas de caça com a banha de seus porcos, não demorou a perceber que era melhor abandonar toda especulação.

Por duzentos francos ao ano, encontrou para alugar, numa aldeia nos confins da região de Caux e da Picardia, uma espécie de residência meio fazenda, meio casa senhorial; e, triste, roído de arrependimentos, culpando o céu, invejoso de todos, isolou-se aos quarenta e cinco anos, enfasiado com os homens, dizia, e decidido a viver em paz.

Sua mulher, em outra época, havia sido louca por ele; tinha-o amado com mil servilismos que o afastaram dela ainda mais. Antes brincalhona, expansiva e totalmente amorosa, à medida que ia envelhecendo (como o vinho que, em contato com o ar, vira vinagre) foi tornando-se de humor difícil, queixosa, nervosa. Tinha sofrido muito, sem se queixar, primeiro quando o via correr atrás de todas as biscates de aldeia e também quando vinte lugares mal afamados o mandavam de volta à noite, apático e cheirando a embriaguez! Então o orgulho se insurgiu. Decidiu calar-se, engolindo a raiva num estoicismo silencioso que guardou até a morte. Ela estava sempre fazendo compras, negócios. Visitava os advogados, o presidente, ficava atenta ao vencimento dos títulos, obtinha prorrogações; e, em casa, passava roupa, costurava, lavava, cuidava dos empregados, pagava contas, enquanto ele, sem se preocupar com nada, estava continuamente entorpecido numa sonolência ressentida da qual só acordava para lhe dizer coisas desagradáveis e ficar fumando junto à lareira, cuspidando nas cinzas.

Quando ela teve um filho, foi preciso entregá-lo a uma ama de leite. Ao trazê-lo de volta para casa, o menino foi mimado como um príncipe. A mãe o alimentava com geleias; o pai deixava que corresse sem sapatos e, bancando o filósofo, dizia até que podia andar totalmente nu, como as crias dos animais. Contrariamente às tendências maternas, ele tinha em mente certo ideal viril da infância, segundo o qual buscava formar o filho, querendo que o educassem duramente, à espartana, para que adquirisse uma constituição forte. Mandava-o dormir sem acender o fogo, ensinava-lhe a beber grandes goles de rum e a insultar as procissões. Mas, naturalmente pacífico, o pequeno

respondia mal aos seus esforços. A mãe o levava sempre grudado com ela; recortava-lhe figuras de papelão, contava-lhe histórias, conversava com ele em monólogos sem fim, cheios de alegrias melancólicas e tagarelices. No isolamento de sua vida, ela depositava naquela cabeça de criança todas as suas vaidades dispersas, fraturadas. Sonhava com altos cargos para ele, via-o adulto, belo, inteligente, estabelecido, trabalhando na área de obras públicas ou na magistratura. Ensinou-lhe a ler e a cantar duas ou três breves romanças no seu velho piano. Mas, a tudo isso, o sr. Bovary, pouco ligado às letras, dizia que aquilo *não valia a pena!* Por acaso teriam algum dia recursos para mandá-lo a escolas do governo, comprar para ele um cargo ou montar-lhe um comércio? Aliás, dizia, *com audácia, um homem sempre tem êxito no mundo.* A sra. Bovary mordida os lábios, e a criança vagabundeava pela aldeia.

Ele seguia os lavradores e, atirando torrões de terra, espantava os corvos que açavam voo. Comia amoras ao longo das valetas, controlava os perus com uma vara, ceifava na colheita, corria pelos bosques, jogava amarelinha no pórtico da igreja nos dias de chuva e, nas grandes festas, suplicava ao sacristão que lhe deixasse bater o sino para, assim, poder se pendurar com todo o corpo na enorme corda e se sentir levado por ela em seu voo.

Foi assim que ele cresceu, como um carvalho. Adquiriu força nas mãos e belas cores.

Aos doze anos, a mãe conseguiu que começasse os estudos. Encarregaram o padre de fazer isso. Mas as lições eram tão breves, e o menino as seguia tão mal, que não serviam de grande coisa. Elas se davam nos momentos de folga do padre, na sacristia, em pé, às pressas, entre um batismo e um enterro; ou então ele mandava buscar seu aluno depois do *Angelus*, sempre que não tivesse que sair. Subiam no quarto dele, instalavam-se: os mosquitos e as mariposas giravam em torno da vela. Fazia calor, o menino adormecia; e o padre, cochilando com as mãos sobre a barriga, não tardava a roncar, com a boca aberta. Outras vezes, quando o clérigo, ao voltar de ministrar o viático a algum doente das redondezas, avistava Charles fazendo molecagens no campo, chamava-o, passava-lhe um sermão de quinze minutos e aproveitava a ocasião para lhe fazer conjugar o verbo do dia ao pé de uma árvore. A chuva, ou um conhecido que passava, vinha interrompê-los. De resto, estava sempre contente com o aluno. Dizia até que o *jovem* tinha ótima memória.

Mas Charles não podia continuar ali. A sra. Bovary foi enérgica. Envergonhado, ou talvez cansado, o marido cedeu sem resistência, embora tenham decidido esperar mais um ano para que o menino fizesse a primeira comunhão.

Outros seis meses se passaram e, no ano seguinte, Charles foi definitivamente mandado para o colégio de Rouen, aonde o pai o levou pessoalmente, quase no fim de outubro, na época da feira de São Romão.

Hoje seria impossível para qualquer um de nós lembrar algo sobre ele. Era um rapaz de temperamento moderado, que brincava nos recreios, trabalhava nas horas de estudo, ficava atento às aulas, dormia bem no dormitório, comia bem no refeitório. Tinha como responsável um atacadista de quinquilharias da rue Ganterie, que saía com ele um domingo ao mês, depois de fechar a loja, levava-o para passear no porto para que visse os navios, depois o acompanhava de volta ao colégio, lá pelas sete, antes do jantar. Toda quinta-feira à noite, escrevia uma longa carta para a mãe, com tinta vermelha, lacrando-a com três pingos de cera; depois repassava os cadernos de história ou então lia um velho exemplar de *Anacharsis* que estava sempre na sala de estudos. Durante o passeio, conversava com o criado, que era do campo, como ele.

De tanto se aplicar, sempre se manteve na média da classe; uma vez até ganhou uma primeira menção honrosa em história natural. Mas, no final do penúltimo ano, seus pais o retiraram do colégio para que estudasse medicina, convencidos de que ele poderia prosseguir sozinho até o diploma do bacharelado.

A mãe escolheu um quarto para ele, no quarto andar, de frente para a Eau-de-Robec, na casa de um tintureiro, seu conhecido. Ela finalizou os acordos para sua pensão, arranjou móveis, uma mesa e duas cadeiras, mandou vir da casa dela uma velha cama de cerejeira e comprou também um pequeno aquecedor de ferro fundido, com a suficiente provisão de lenha para que seu pobre filho estivesse aquecido. Então ela partiu no fim da semana, após mil recomendações para que ele se comportasse bem, agora que ficaria sozinho.

O programa das disciplinas, que leu no quadro de avisos, o deixou atordado: curso de anatomia, curso de patologia, curso de fisiologia, curso de farmácia, curso de química, e de botânica, e de clínica, e de terapêutica, sem contar higiene e matéria médica, nomes todos cujas etimologias ele ignorava e que eram como tantas outras portas de santuários, cheios de augustas trevas.

Ele não entendia nada; por mais que escutasse, não conseguia assimilar. Entretanto, estudava, tinha cadernos de capa dura, seguia todos os cursos, não perdia uma visita sequer. Cumpria suas tarefas cotidianas como um cavalo de moinho, que gira no mesmo lugar de olhos vendados, ignorando o que está triturando.

Para poupar-lhe despesas, a mãe lhe enviava toda semana, por meio de um mensageiro, um pedaço de vitela assada ao forno, que lhe servia de

almoço de manhã, quando voltava do hospital batendo as solas dos sapatos para se aquecer. Em seguida, tinha que correr para as aulas, o anfiteatro, o asilo e voltar para casa, cruzando todas as ruas. À noite, após o magro jantar que o proprietário da pensão servia, subia para o quarto e retomava o trabalho, ainda com as roupas úmidas que começavam a fumegar em seu corpo diante do fogão em brasa.

Nas belas noites de verão, quando as ruas mornas ficavam vazias, quando as criadas jogavam peteca nas soleiras das portas, ele abria a janela e ali se apoiava. O rio, que faz desse bairro de Rouen uma desprezível pequena Veneza, corria lá embaixo, amarelo, roxo ou azul, entre as pontes e suas grades. Alguns operários, agachados à beira, lavavam os braços na água. Das vigas que sobressaíam do alto dos sótãos, novelos de algodão secavam ao ar livre. Em frente, além dos telhados, o vasto céu puro se estendia, com o sol vermelho se pondo. Como devia estar bom lá! Que frescor sob a faia! E ele abria as narinas para aspirar os bons cheiros do campo, que não chegavam até ele.

Emagreceu, seu corpo ficou mais alongado e o rosto assumiu uma espécie de expressão melancólica que o tornava quase interessante.

Naturalmente, por indolência, foi abandonando todas as resoluções que havia tomado. Uma vez, faltou à visita, no dia seguinte ao curso, e, saboreando a preguiça, pouco a pouco, acabou não voltando mais lá.

Adquiriu o hábito de frequentar cabarés, devido à paixão de jogar dominó. Ficar fechado todas as noites num estabelecimento público imundo e movimentar ossinhos de carneiro marcados com pontos pretos sobre mesas de mármore parecia-lhe um ato precioso de liberdade que lhe levantava a própria estima. Era como uma iniciação ao mundo, o acesso a prazeres proibidos; ao entrar, colocava a mão na maçaneta da porta com uma alegria quase sensual. Então, muitas coisas reprimidas nele foram se expandindo; decorou algumas trovas que cantava nas festas de boas-vindas, entusiasmou-se com Béranger, aprendeu a fazer ponche e, enfim, conheceu o amor.

Graças a esses trabalhos preparatórios, fracassou rotundamente no exame de oficial de saúde. E pensar que, na mesma noite, aguardavam-no em casa para celebrar seu êxito!

Saiu a pé e parou na entrada da aldeia, onde mandou chamar a mãe e lhe contou tudo. Ela o desculpou, atribuindo o fracasso à injustiça dos examinadores, deu-lhe um pouco ânimo e se encarregou de ajeitar as coisas. Foi só cinco anos mais tarde que o sr. Bovary soube da verdade; já era antiga, e ele a aceitou, não conseguindo supor que um homem nascido dele fosse um tolo.

Charles retomou então o trabalho e preparou sem parar as matérias do exame, do qual decorou antecipadamente todas as questões. Foi aprovado com uma nota razoavelmente boa. Que belo dia para a mãe! Foi oferecido um grande jantar.

Onde iria exercer sua profissão? Em Tostes. Lá havia apenas um médico, já velho. Fazia muito tempo que a sra. Bovary espreitava a morte do bom homem; mas ele ainda não havia batido as botas quando Charles já estava instalado defronte, como seu sucessor.

Mas não bastava ter educado o filho, tê-lo feito estudar medicina e descobrir Tostes para exercê-la: ele precisava de uma mulher. Ela encontrou uma: a viúva de um oficial de justiça de Dieppe que tinha quarenta e cinco anos e mil e duzentas libras de renda.

Embora ela fosse feia, seca como um graveto e com tantas pústulas no rosto como há brotos na primavera, à sra. Dubuc não faltavam partidos para escolher. Para atingir seu propósito, a mãe Bovary foi obrigada a eliminar cada um deles, e, com muita habilidade, desfez as intrigas de um charcuteiro que era apoiado pelos padres.

Charles entrevia no casamento a chegada de uma condição melhor, imaginando que ficaria mais livre e poderia dispor de sua pessoa e de seu dinheiro. Mas foi sua mulher quem tomou as rédeas: em público, ela o mandava dizer isto, a não dizer aquilo, a jejuar todas as sextas-feiras, a vestir-se como ela quisesse e, se ela assim ordenasse, a ficar em cima dos clientes que não pagavam. Ela abria suas cartas, espionava seus movimentos e ficava escutando, atrás do biombo, as consultas em seu gabinete sempre que havia mulheres.

Precisava do seu chocolate todas as manhãs, eram atenções que não acabavam mais. Queixava-se sem cessar de seus nervos, de seu peito, de seus humores. O barulho dos passos lhe fazia mal; se as pessoas fossem embora, a solidão era insuportável; se voltassem para junto dela, era, sem dúvida, para vê-la morrer. À noitinha, quando Charles voltava para casa, ela tirava de debaixo dos lençóis os longos braços magros, punha-os em torno do pescoço dele e, fazendo-o sentar-se na beirada da cama, começava a falar de seus infortúnios: que ele a estava esquecendo, que amava alguma outra! Bem que haviam dito a ela que seria infeliz; e acabava por pedir ao marido algum xarope para a saúde e um pouco mais de amor.

II

Uma noite, por volta das onze horas, foram acordados pelo barulho de um cavalo que parou bem diante da porta. A criada abriu a claraboia do sótão e conversou por algum tempo com um homem que estava lá embaixo, na rua. Ele veio buscar o médico; trazia uma carta. *Nastasie* desceu as escadas tiritando e foi abrir a fechadura e os trincos, um após o outro. O homem deixou seu cavalo e, seguindo a criada, entrou imediatamente atrás dela. Tirou de dentro de seu gorro de lã com borlas cinzas uma carta envolta num pedaço de pano e a apresentou delicadamente a Charles, que apoiou os cotovelos no travesseiro para lê-la. *Nastasie*, perto da cama, segurava a luz. A senhora, por pudor, permaneceu voltada para o outro lado, de costas para eles.

A carta, fechada com um pequeno lacre de cera azul, suplicava ao sr. Bovary que fosse imediatamente à fazenda de Les Bertaux para recompor uma perna quebrada. Ora, de Tostes a Les Bertaux há seis boas léguas de caminho, passando por Longueville e Saint-Victor. A noite estava escura. A jovem sra. Bovary temia que seu marido pudesse sofrer um acidente. Portanto, decidiram que o criado de estrebaria iria à frente. Charles partiria três horas mais tarde, ao nascer da lua. Da fazenda, enviariam um menino ao seu encontro para que lhe mostrasse o caminho e fosse abrindo as porteiras para ele.

Por volta das quatro horas da madrugada, Charles, bem agasalhado em seu casaco, empreendeu caminho rumo à fazenda de Les Bertaux. Ainda adormecido devido ao aconchego do sono, deixava-se embalar pelo trote pacífico de seu animal. Quando este parava espontaneamente diante dos buracos cercados de espinheiros que se abrem à beira dos sulcos formados pelos arados, Charles, acordando sobressaltado, lembrava-se logo da perna quebrada

e esforçava-se para trazer à memória todas as fraturas que conhecia. A chuva deixara de cair; o dia começava a raiar e, nos galhos das macieiras sem folhas, os pássaros se mantinham imóveis, eriçando as penas ao vento frio da manhã. A planície se estendia até onde a vista alcançava, e os grupos de árvores que rodeavam as fazendas formavam, a intervalos afastados, manchas de um violeta escuro na grande superfície cinza, perdida no horizonte no tom sombrio do céu. De vez em quando, Charles abria os olhos; em seguida, com a mente cansada, e o sono voltando naturalmente, logo entrava numa espécie de entorpecimento em que, com as sensações recentes confundindo-se com as lembranças, via-se como duplo, ao mesmo tempo estudante e casado, deitado na cama como havia pouco e atravessando uma sala com operados como antigamente. O odor quente dos emplastros se misturava em sua cabeça ao verde odor do orvalho; ouvia os anéis de ferro das camas deslizando nos trilhos e sua esposa dormindo... Ao passar por Vassonville, avistou um rapazinho sentado na relva, à beira de uma vala.

— O senhor é o médico? — perguntou o menino.

E, com a resposta de Charles, pegou seus tamancos e se pôs a correr à sua frente.

Pela fala de seu guia, o médico compreendeu, durante o caminho, que o sr. Rouault devia ser um fazendeiro dos mais abastados. Havia quebrado a perna na noite anterior ao voltar, depois de *celebrar a festa dos Reis* na casa de um vizinho. Sua mulher morrerá havia dois anos. Com ele morava apenas a *senhorita* que o ajudava a manter a casa.

Os sulcos se tornavam mais profundos. Aproximavam-se a Les Bertaux. O rapazinho, então, passou por uma abertura na cerca e desapareceu, voltando em seguida, na extremidade do pátio, para abrir a porteira. O cavalo deslizava sobre a grama molhada; Charles abaixava-se para passar por baixo dos galhos. Os cães de guarda no canil latiam, puxando suas correntes. Quando ele entrou em Les Bertaux, seu cavalo se assustou e deu um grande salto lateral.

Era uma bela fazenda. Nas cocheiras, pela abertura superior das portas, era possível ver grandes cavalos de arado que comiam tranquilamente em manjedouras novas. Ao longo das edificações estendia-se uma grande pilha de estrume de onde saía vapor e, entre galinhas e perus, ciscavam cinco ou seis pavões, luxo dos quintais da região normanda de Caux. O redil era longo, o celeiro alto, com paredes lisas como a palma da mão. Havia no galpão duas grandes carroças e quatro arados, com seus chicotes, cabrestos, o equipamento completo, incluindo mantas de lã azul que se sujavam com a poeira fina que caía dos celeiros. O pátio era em aclave, adornado de árvores

simetricamente espaçadas, e o som alegre de um bando de gansos ecoava perto do lago.

Uma jovem mulher, com vestido de merino azul guarnecido de três babados, veio ao terraço da casa para receber o sr. Bovary, a quem fez entrar na cozinha, onde ardia um fogo intenso. O almoço dos criados fervia por toda parte em pequenas panelas de vários tamanhos. Roupas úmidas secavam à frente da lareira. A pá, as pinças e os foles, todos de proporções colossais, brilhavam como aço polido, enquanto, ao longo das paredes, estendia-se um amplo conjunto de utensílios de cozinha, sobre os quais, de forma desigual, refletia a chama clara do fogão junto com os primeiros lampejos do sol entrando pelas vidraças.

Charles subiu ao primeiro andar para ver o doente. Encontrou-o na cama, suando debaixo de cobertores, tendo arremessado para longe seu gorro de algodão. Era um homenzinho gordo, de uns cinquenta anos, pele branca, olhos azuis, calvo na frente da cabeça e que usava brincos. Tinha a seu lado, sobre uma cadeira, uma grande garrafa de aguardente, da qual se servia de vez em quando para animar o espírito; mas, logo que viu o médico, sua euforia se derrubou e, em lugar de xingar, como vinha fazendo havia doze horas, começou a choramingar baixinho.

A fratura era simples, sem complicação de espécie alguma. Charles não poderia desejar nada mais fácil. Então, lembrando a maneira como agiam seus mestres junto ao leito dos feridos, consolou o paciente com toda sorte de palavras gentis, afagos cirúrgicos que são como o óleo com que se engraxam os bisturis. Para conseguir talas, foram buscar na cocheira algumas ripas. Charles escolheu uma, cortou-a em pedaços e poliu-a com um pedaço de vidro, enquanto a criada rasgava lençóis para fazer bandagens e a srta. Emma tentava costurar pequenas almofadas. Como demorava para encontrar o seu estojo, seu pai foi ficando impaciente; ela não respondia nada; mas, enquanto costurava, picava os dedos, que levava logo à boca para chupá-los.

Charles ficou surpreso com a brancura das unhas dela. Eram brilhantes, finas na ponta, mais limpas do que os marfins de Dieppe, e tinham o formato de amêndoas. No entanto, suas mãos não eram bonitas nem muito pálidas, talvez, e ainda um pouco secas nas falanges; eram também muito alongadas e faltava suavidade aos contornos. O que ela tinha de belo eram os olhos; embora fossem castanhos, pareciam negros por causa dos cílios e olhavam diretamente, com uma ousadia inocente.

Uma vez feito o curativo, o médico foi convidado pelo próprio sr. Rouault a *comer alguma coisa* antes de partir.

Charles desceu para a sala, no térreo. Pratos e talheres para duas pessoas, acompanhados de taças de prata, foram postos sobre uma mesinha ao pé de uma grande cama de dossel revestida de tecido indiano com personagens representando turcos. Sentia-se um aroma de flor de íris e de lençóis úmidos que saía de um armário alto de madeira de carvalho, de frente para a janela. No chão, nos cantos, estavam dispostos, de pé, sacos de trigo. Era o excedente dos grãos que estavam no sótão, para onde se subia por três degraus de pedra. Para decorar o cômodo, pendurada em um prego no meio da parede cuja pintura verde estava descascando devido ao salitre, havia uma cabeça de Minerva desenhada com lápis preto, numa moldura dourada, e que trazia, na parte inferior, escrito com letras góticas: “Ao meu papai querido”.

Falou-se primeiro do doente, depois do tempo, dos fortes frios, dos lobos que corriam pelos campos à noite. A srta. Rouault não se divertia muito no campo, especialmente agora que estava a cargo, quase que sozinha, dos cuidados da fazenda. Como a sala estava fresca, ela tiritava ao comer, revelando os lábios carnudos que tinha o costume de morder nos momentos de silêncio.

Seu pescoço saía de uma gola branca, achatada. Os cabelos, cujas mechas negras, de tão lisas, pareciam ser uma só peça, estavam repartidos ao meio por uma fina divisão que seguia levemente a curva do crânio; e, mal deixando ver as pontas das orelhas, fundiam-se na parte de trás, num coque abundante, com um movimento ondulado na altura das têmporas, que o médico rural notava nela pela primeira vez na vida. As maçãs do rosto eram rosadas. À moda dos homens, ela usava, preso entre dois botões do corpete, um *lorgnon* de casco de tartaruga.

Quando Charles, depois de ter subido para despedir-se do pai Rouault, entrou novamente na sala antes de partir, encontrou-a de pé, com a testa encostada na janela, olhando para o jardim, onde as estacas dos pés de feijão haviam sido derrubadas pelo vento. Ela se voltou.

— O senhor está procurando alguma coisa? — perguntou.

— O meu chicote, por favor — respondeu ele.

E ele começou a procurar em cima da cama, atrás das portas, debaixo das cadeiras; estava caído no chão, entre os sacos e a parede. A srta. Emma o avistou; inclinou-se por sobre os sacos de trigo. Charles, por cavalheirismo, precipitou-se e, ao estender o braço no mesmo movimento, sentiu seu peito roçar as costas da jovem, curvada sob ele. Ela se endireitou toda ruborizada e o olhou por cima do ombro, estendendo-lhe o látego.

Em vez de voltar a Les Bertaux três dias depois, como havia prometido, voltou já no dia seguinte, depois duas vezes por semana, regularmente, sem contar as visitas inesperadas que fazia de vez em quando, como que por engano.

De resto, tudo corria bem; a cura se deu conforme as regras, e quando, depois de quarenta e seis dias, o pai Rouault foi visto tentando andar sozinho na sua *cabana*, começou-se a considerar o sr. Bovary como um homem de grande capacidade. O pai Rouault dizia que não o teriam curado melhor os médicos mais renomados de Yvetot ou mesmo de Rouen.

Quanto a Charles, nem tentou perguntar a si mesmo por que gostava tanto de ir a Les Bertaux. Se tivesse pensado nisso, certamente teria atribuído o seu zelo à gravidade do caso ou talvez às vantagens que esperava obter. Contudo, seria por isso que as suas visitas à fazenda haviam se tornado uma exceção encantadora às pobres ocupações de sua vida? Nesses dias, ele acordava cedo, partia a galope, esporeava o animal, depois desmontava para limpar os pés na relva e calçava as luvas pretas antes de entrar. Gostava de ver-se chegando ao pátio, sentir a cancela girando contra seu ombro, o galo cantando em cima do muro, os meninos vindo ao seu encontro. Gostava do celeiro e os estábulos; gostava do pai Rouault, que lhe dava tapinhas na mão e o chamava de seu salvador; gostava dos pequenos tamancos da srta. Emma sobre as pedras lavadas da cozinha; os saltos a deixavam um pouco mais alta e, quando andava à frente dele, as solas de madeira, erguendo-se rapidamente, faziam um barulho seco sobre o couro da botina.

Ela sempre o acompanhava até o patamar da escada exterior. Enquanto não traziam o cavalo dele, ela permanecia ali. Já se haviam despedido, não conversavam mais; o ar fresco a envolvia, agitando os rebeldes pelos da nuca ou sacudindo em seus quadris os cordões do avental, que se enroscavam como bandeirinhas. Certa vez, na época do degelo, as cascas das árvores salpicavam o pátio, e a neve nos telhados das construções se derretia. Ela estava na soleira da porta; foi pegar sua sombrinha e a abriu. O brilho do sol, que atravessava sua seda nacarada, iluminava a pele branca de seu rosto com reflexos que se movimentavam. Embaixo dela, a srta. Emma sorria com o calor tépido, e era possível ouvir as gotas de água caindo, uma a uma, sobre o *moiré* esticado.

Quando Charles começou a frequentar Les Bertaux, a jovem sra. Bovary nunca deixou de perguntar sobre o paciente e, até mesmo no livro de registros que mantinha em duplicata, havia escolhido uma bela página em branco para o sr. Rouault. Mas quando ela soube que ele tinha uma filha, foi em busca